

## MUDANÇAS NOS MODOS DE SE VIVER NAS FLORESTAS DE XAPURI/AC: EXPERIÊNCIAS DE SERINGUEIROS APÓS A CHEGADA DA TELEVISÃO

Estevão Ferreira Castelo<sup>1</sup>

### RESUMO

Neste artigo procura-se desenvolver algumas reflexões acerca das mudanças nos modos de vida de moradores de áreas de florestas do Município de Xapuri/AC provocadas pela chegada da luz elétrica e da televisão, a partir do ano de 2005. As reflexões foram construídas a partir de uma pesquisa de maior fôlego, que utilizou como método a História Oral, realizada de forma partilhada com os colaboradores da pesquisa. As duas áreas representativas pesquisadas foram o Projeto de Assentamento Agroextrativista Cachoeira e a Reserva Extrativista Chico Mendes. A análise e o diálogo com as fontes apontaram para modificações significativas que melhoraram a vida dos sujeitos, mas também trouxeram problemas, riscos e prejuízos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Seringueiros, Modos de Vida, Modernidade, Televisão.

### ABSTRACT

This article seeks to develop some reflections on the changes in the livelihoods of forest areas for residents of the municipality of Xapuri/AC caused by the arrival of electricity and television, from the year 2005. The reflections were built to from a longer-term research, which used as a method to Oral History, performed on a shared basis with employees of the research. The two areas were surveyed representing the Settlement Project Agroextrativista Waterfall and the Chico Mendes Extractive Reserve. The analysis and dialogue with the sources pointed to significant changes that improved the lives of the subjects, but also brought problems, risks and losses.

**KEYWORDS:** Rubber tappers, Livelihoods, Modernity, TV.

### INTRODUÇÃO

Nesse artigo apresenta-se um recorte de uma pesquisa de maior fôlego, desenvolvida durante o processo de doutoramento em História Social na Universidade de São Paulo – USP. Uma experiência de História Oral que buscou colocar em evidência os impactos provocados por processos de “modernidade<sup>2</sup>” (ou

---

<sup>1</sup> Graduado em Economia pela Ufac. Especialista em Ciências Sociais pela Ufac. Mestre em Engenharia de Produção pela UFSC. Doutor em História Social pela USP.

<sup>2</sup> Para Lowi (1992), devido seu caráter ambíguo e polissêmico, a expressão modernidade pode provocar interpretações diversas. Dessa maneira, visando evitar confusões, cabe esclarecer que quando se utilizou o termo no relatório da pesquisa, a interpretação estava centrada em um conjunto de ações desenvolvidas na região pesquisada depois do assassinato de Chico Mendes. Entre essas ações destaca-se a chegada da “luz elétrica” e da televisão.

“modernização”) nos modos de viver de pessoas residentes em florestas localizadas no município de Xapuri, no Estado do Acre (os “seringueiros”).

Neste texto, como na narrativa da pesquisa original, optou-se por utilizar o termo/expressão “seringueiro”, ou “seringueiros”, para indicar os sujeitos que vivem nas florestas do Acre praticando a extração do látex de seringueiras (*Hevea brasiliensis*); coletando castanha (*Bertholletia excelsa* H.B.K); criando pequenos animais, principalmente para autoconsumo; praticando agricultura e pecuária de pequena dimensão, entre outras atividades. Observa-se que no tempo presente, na luta pela sobrevivência na/da floresta, todas as tarefas listadas podem ser realizadas por uma única pessoa. Entretanto, o “seringueiro” dito “clássico”, do primeiro “ciclo da borracha” na Amazônia, dedicava-se exclusivamente à produção de borracha.

Decidiu-se utilizar a expressão, também, pelo fato deles se tratarem assim (constatação verificada já nos primeiros encontros). Portanto, a ideia não foi classificar e/ou normalizar, até porque o sujeito é proteiforme - ou seja: assume identidades. Nas florestas acreanas, durante os doze meses de “trabalho de mato”, encontrou-se, por exemplo, o sujeito que corta seringa; o sujeito que corta seringa e recebe o “bolsa família”; que tem seu plantio de roçado; que é pai; que trai a esposa; que joga dominó; que faz “bico” vendendo sua força de trabalho a outros; que vai à igreja; que não vota em candidato A ou B; que joga futebol. Inclusive, alguns que fazem questão de dizer que são “seringueiros”, mas não trabalham mais cortando seringa. Também sujeitos que podem matar o próximo quando são ofendidos, mas que se dizem defensores da floresta. Não considerá-los como “seringueiros” significaria negar a historicidade de suas vidas.

## **SOBRE AS FONTES UTILIZADAS**

No caminhar pela propositura da História Oral decidiu-se utilizar os procedimentos recomendados por Bom Meihy (1996), fato que possibilitou aos colaboradores narrarem suas histórias, contando parte de suas vidas, numa construção narrativa que trouxe à tona recordações e esquecimentos, presenças e ausências, experiências vitais para a compreensão do processo histórico.

Estabeleceram-se então duas redes, numa proposta de construção do conhecimento de forma partilhada: A rede de colaboradores 1 - formada por

“seringueiros” residentes na região da Reserva Extrativista Chico Mendes (RESEX Chico Mendes) – 12 relatos. E a rede de colaboradores 2, formada por “seringueiros” residentes em “colocações” do antigo Seringal Cachoeira (hoje Projeto de Assentamento Agroextrativista Cachoeira - PAE Cachoeira) -10 relatos.

A coleta dos relatos foi realizada com total consentimento dos colaboradores. Em nenhum deles adotou-se a estratégia de utilizar um questionário e/ou roteiro com perguntas. Isso porque o foco da pesquisa sempre esteve na subjetividade e nas experiências de vida dos que decidiram colaborar.

Durante o processo da coleta procurou-se, sempre, prestar atenção nos discursos, nos silêncios, nos olhares e nas alterações da paisagem. Isso por acreditar que o pesquisador precisa visualizar o lugar para poder entender o que está sendo dito. Entretanto, como o interesse centrava-se principalmente no modo de vida, isso supunha perguntar ou orientar o colaborador a falar sobre as várias dimensões do vivido. Ou seja, o lugar, o trabalho, os desejos, as dificuldades, o medo, as alegrias, os sonhos. E isso sempre era feito antes de ligar os equipamentos de gravação.

No início das entrevistas os colaboradores eram informados sobre coisas de interesse, ou seja, o lugar, o trabalho, os desejos, as dificuldades, o medo, as alegrias, os sonhos. Esse procedimento foi realizado em todas as conversas prévias (pré-entrevistas para Bom Meihy, 1996). Mas procurava-se deixar que o colaborador escolhesse livremente o que dizer. Assim, ele estaria dando as prioridades que diziam respeito à sua própria vida e não às hipóteses estabelecidas na pesquisa.

Entretanto, nem toda às vezes acontecia como planejado. Mesmo com as orientações, quando o microfone e a filmadora eram ligados muitos ficavam tímidos e não falavam. Ficavam aguardando perguntas. Algumas vezes até solicitavam perguntas (“o que o senhor gostaria de saber?”). Alguns começavam a falar e logo finalizavam. Então, a estratégia com muitos foi estabelecer pequenos diálogos com vistas à obtenção dos relatos. Por isso mesmo, com alguns “seringueiros” foram realizadas perguntas sobre o viver na floresta. Inclusive, esse procedimento os motivava a falar com mais naturalidade. Em poucas situações sentiu-se a necessidade de aprofundar algumas questões apresentadas com outras indagações.

Apesar da orientação inicial, os colaboradores sempre começaram por onde queriam, paravam também quando queriam, e tiveram total liberdade durante o relato de interromper, silenciar, etc. A proposta foi ouvi-los, verdadeiramente (diferente de

escutar). Fundamentalmente, o respeito foi mantido como princípio. Respeito às ideias e opiniões divergentes. No final, tudo foi transcrito. Registrou-se pela escrita o modo como cada um deles pretendeu se deixar ver.

No processo de passagem do oral para o escrito (“transcrição”), incluiu-se os erros de português, repetições, gírias, etc. Trabalho demorado, mais de grandes aprendizados. Após essa etapa, centrou-se o esforço no sentido de dar à entrevista um caráter de texto fluído, visando favorecer a leitura (a “textualização”). Nesse momento adaptações na linguagem foram realizadas, mas com o devido cuidado para não eliminar a cultura dos colaboradores. Por isso mesmo foram mantidas expressões como “varadouro”, “estrada de seringa”, “beijo do ramal”, etc. O que se passou a ter, então, foram textos abertos para múltiplas interpretações. Não mais entrevistas. Em seguida, realizou-se a “transcrição”, que consiste na fase final da construção do texto, até a devolução.

Para Castro Barbosa (2009), o processo que compreende todo o trabalho, todos os procedimentos, desde o projeto até a construção das leituras é denominado “transcrição”. Segundo essa autora a “transcrição” corresponde em transpor em texto escrito o que foi dito verbalmente, mas não apenas o que foi dito palavra por palavra, é preciso incluir o significado dos gestos, das lágrimas, e mesmo o sentido que o narrador desejou passar em determinadas frases ou reticências. Transcriar teatralizando o que foi dito.

Para Bom Meihy e Holanda (2007) a “transcrição” traz em seu bojo três fundamentos: a colaboração, a mediação e a devolução. Por “colaboração” entende-se a relação estabelecida entre o pesquisador e o interlocutor, onde o segundo age em colaboração ao entrevistador, mais que prestar informações, ele acompanha o processo de formatação da pesquisa. Assim, o pesquisador assume o papel de mediador, possibilitando condições favoráveis à narração, estimulando o diálogo com perguntas abertas e anotando informações relevantes. O trabalho de colaboração é visto como coautoria, mas tendo o pesquisador as responsabilidades jurídicas sobre o projeto. O produto deste trabalho é a “devolução”, o retorno do material produzido para as pessoas ou grupos de colaboradores, fazendo com que a experiência da História Oral atravesse a academia em direção à coletividade, garantindo seu caráter público.

O retorno aos seringais foi iniciado 15 de dezembro de 2012 (para devolução dos relatos e obtenção de suas autorizações para o uso). Processo que se estendeu até dezembro de 2013. Nesses encontros, percebeu-se que a ideia do retorno do texto para cada um dos seringueiros se parece com o próprio trabalho realizado por eles. Da mesma forma que percebeu Nilson Santos, ou seja:

O interlocutor, por vezes, age como o próprio seringueiro. O texto a ser transcrito é a seringueira, e a faca afiada para não estragar a casca nem estragar as fibras da madeira vai desenhando cada traço em busca do leite, retirando as camadas de casca morta e musgo que se acumulam, desbasta, fere para dar vazão ao fluxo de leite, não para exaurir completamente, esfolia para provocar o surgimento da densa seiva, interfere na árvore para retirar dela sua fortuna. Não é possível conseguir o leite da seringueira sem toca-la, sem desrespeita-la, sem irrita-la, sem incomoda-la, não é deixando intocada que se obtém sua riqueza, mas é cravando com precisão a faca na sua casca que ela libera o leite. Não se contenta somente com uma ideia, com a abundância do leite por um fabrico, quer preservar a vida da árvore e a riqueza do narrador, garantindo-lhe presença e vida em abundância. O limite dessa intervenção deve ser buscado na seringueira, observando se é nova, velha, se saudável. A transcrição cessa quando o texto consegue ser compreensivo como a voz do narrador, mantidas as suas escolhas e enredos por reconhecer o leite, o fluido singular da vida no texto (SANTOS, 2002, p.47)

## **A TV CHEGOU NA FLORESTA E O “SERINGUEIRO” PASSOU A DORMIR MAIS TARDE**

Analisando as falas dos “seringueiros” que colaboraram com a pesquisa percebe-se que as mesmas ainda são carregadas de expressões típicas de seu mundo (“colocação”, “embiara”, “carapanã”, “esperar o bicho”, “beijo do ramal”, etc.). A linguagem utilizada no olhar, nos gestos, nas expressões de mãos e faces, também continuam denunciando uma maneira peculiar de ser. Entretanto, muitas mudanças foram evidenciadas. Percebeu-se, claramente, como a modernidade foi chegando e mudando suas vidas. São novos gostos musicais (predomínio do estilo dito “sertanejo”), novas gírias, e também novos desejos.

Foram ricas as evidências relacionadas com desejos por “coisas da cidade”, por exemplo. Desejos que na visão da Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Xapuri, Dercy Teles, que também concedeu entrevista para a pesquisa, foram potencializados por influência da televisão e pelos estímulos que a mesma provocou e provoca. Para a Presidente do Sindicato, nos últimos anos tem aumentado

significativamente os desejos dos “seringueiros” de consumirem produtos industrializados “modernos”. Dercy Teles assim falou:

[...] o ramal e a rede de energia criaram uma nova onda de consumo que até então não existia. E a televisão estimulou esse consumo. Quem tinha cavalo passou a desejar uma bicicleta. Depois não é mais a bicicleta, [...] é uma moto. Agora não é mais moto, é um carro.

As evidências repetidas nos relatos parecem comprovar alguns argumentos apresentados por C. Tucker em seu livro *Sociedade excitada* (2010). Nesta obra Turcke destaca uma tese apontando que hoje se vive em uma sociedade da excitação. Segundo o autor, as pessoas são viciadas nas pequenas descargas de adrenalina causadas pelos produtos midiáticos, televisão inclusive. Para ele os seres humanos são submetidos a um verdadeiro bombardeio de notícias cada vez mais espalhafatosas. E, dessa maneira, ter-se-iam acostumado de tal forma com uma torrente de estímulos cotidianos que se vai, paulatinamente, perdendo a sensibilidade para o que não se anuncia, para o que não prende o olhar. A sensação seria então o paradigma da sociedade.

No caso dos “seringueiros” de Xapuri/AC as evidências sugeriram, fortemente, que a partir da chegada da luz elétrica através do “Programa Luz para Todos”, em 2005, os mesmos passaram a ser bombardeados com estímulos que antes da televisão não aconteciam. Ou aconteciam em menor intensidade. Estímulos que, provavelmente, estão colaborando na modificação de seus comportamentos. Não à toa, como bem relata a seringueira Arlete Ferreira da Silva, os seringueiros de Xapuri não querem mais calçar “o sapato de seringa”. Pois agora seus objetivos e desejos são “[...] possuir um tênis, uma sandália importada, uma coisa chique”.

De quando eu nasci até 2009 a coisa era bem precária, de lá para cá as coisas estão evoluindo muito. **De uma tal maneira que a gente não tá vendo nem como tá vivendo. Porque as coisas estão se aproximando da gente [grifo meu].** Hoje você chega numa casa e não tem mais aquele seringueiro calçado com o sapato de seringa. Ninguém quer calçar o sapato de seringa aqui, agora só o tênis, a sandália importada, só coisa chique, ninguém quer calçar o sapato de seringa. Menino vai calçar o sapato de seringa. Mãe, vão rir de mim (risos). Ninguém quer calçar o sapato de seringa. Essa minha filha aqui é todo dia praticamente na manicure (Arlete Ferreira da Silva, moradora do PAE Cachoeira).

Vale notar que para realizar os “novos desejos”, os “seringueiros” passaram a necessitar, a cada novo dia, do acúmulo de maior quantidade de dinheiro. Dinheiro que passou a ser obtido de forma mais rápida, principalmente através da criação de gado (“é mais fácil fazer dinheiro” com a pecuária).

Uma experiência vivenciada na “colocação” de nome Guarani, onde foi coletado o relato do seringueiro Paulo Jorge, retrata bem como os “seringueiros” de Xapuri se afligem de forma intensa quando a luz falta na floresta e “apaga a TV” ( a falta é mais comum no inverno, devido a queda de muitas árvores sobre a rede elétrica que é danificada). Em um momento dessa entrevista a esposa deste “seringueiro” apareceu na porta e ofereceu um copo de leite. Recebido o copo e feito o agradecimento, ela, de pronto, comentou em tom de reclamação:

No ano passado, no inverno, ficamos seis meses sem luz. Mas estamos no verão desses daí. Se fosse inverno eu ficaria até calada, mas estamos nesse verão, nessa poeira, e essa luz faltando. Está com mais de cinco dias que falta. Eles ligaram e logo apagou. A gente manda recado e eles não ligam. A gente precisa para a geladeira. Tem a televisão, a caixa de som. Mas minha preocupação maior é com a geladeira. Com essa luz indo e voltando eu queimei até minha caixa de som. No dia que tem energia é bom demais, a gente se enterte vendo uma novela, um filme. Os meninos gostam de desenho. Meu marido foi esperar (caçar) na quarta-feira e pediu para eu ligar a caixa de som bem alta. Caso a energia voltasse, ele escutaria e voltaria para assistir o futebol na TV.

A chegada da televisão também possui relação com o sumiço de uma “tradição” importante que acontecia na floresta: a da “contação” de histórias para os menores, “antes do sono bater”. Hábito que era muito comum nos seringais acreanos no “tempo em que se dormia mais tarde”. Convivendo e brincando com as crianças pode-se comprovar que depois da chegada da televisão este costume desapareceu. Os mais jovens não conhecem mais as histórias dos “bichos visajentos” (sobre os “bichos visajentos” ver mais em GALVÃO, 1976). A maioria das crianças das florestas de Xapuri/AC nunca ouviu sequer falar sobre o “caboquinho da mata”, sobre a “mãe da mata”, ou das outras “visagens” que, por muitos anos, assombraram aqueles que transgrediam as regras do “reino do caboquinho, como caçar nas quintas-feiras” (ALBURQUERQUE, 2005, pag.59).

Na estadia na casa de Marivaldo Lima, morador do seringal Rio Branco, “colocação” Floresta, enquanto ele era aguardado para a entrevista decidiu-se contar

para suas filhas uma das muitas “histórias da mata”. Com entusiasmo foi dito às filhas de Marivaldo que as pessoas, quando matavam os bichos sem precisão (as caças), costumavam ser visitadas pelo “caboquinho da mata”, que aparecia para puni-las. Era só um “seringueiro” matar um animal sem necessidade que o “caboquinho” se apresentava. A “visagem” costumava agarrar a pessoa pela cabeça e a prendia embaixo de uma raiz qualquer. Muitas vezes, a “coisa” deixava o seringueiro preso, outras vezes, poderia até açoítá-lo. Também costumava dá “pisas” nos cachorros (sempre fiéis companheiros). Todas ouviram atentamente a história. Após a conclusão, a filha maior falou de forma assertiva: “eu prefiro mais as novelas da televisão”.

Analisando alguns formulários da FUNASA, em Xapuri, foi possível perceber outras consequências provocadas pela mudança no horário de dormir nas “colocações” após a chegada da televisão. Nestes formulários, os técnicos da FUNASA costumam cadastrar “seringueiros” que recebem uma espécie de mosquiteiro impregnado de veneno, distribuído pelo Governo do Estado para ajudar no combate ao mosquito causador da malária (e também da leishmaniose). O utensílio serve para matar o mosquito/vetor. Observou-se, no cabeçalho dos formulários, um campo onde é solicitado o horário que os seringueiros costumam ir deitar. Ali foi possível comprovar que nas localidades onde não existe televisão as pessoas dormem no máximo vinte horas. Entretanto, onde há antena parabólica, onde existe a TV, o horário informado é, em média, vinte e três horas. Ou seja, depois da novela.

Indagando sobre o assunto, o Coordenador da FUNASA, em Xapuri, Joaquim Vidal informou:

[...] mudou o jeito, os hábitos das pessoas da mata. E até para nós que distribuimos os mosquiteiros complica. Fica ruim para eles mesmos, porque quanto mais tempo eles passarem lá fora dos mosquiteiros estarão expostos a serem picados pelo mosquito que transmite a doença. É tanto que nessas localidades onde distribuimos o mosquiteiro e tem televisão estão se repetindo alguns casos. E onde não tem TV estamos observando que estão diminuídos bastante os casos da leishmaniose.

A possibilidade de conservar os alimentos de uma forma diferente do que acontecia (antes, as carnes eram salgadas e expostas ao sol) foi outra mudança percebida após 2005. Entretanto, como não existe luz (“para todos”) em muitas localidades, o processo de salgar e expôr as carnes ao sol ainda permanece nas “colocações do fundo”.

A convivência com os “seringueiros” no período da pesquisa de campo também abriu possibilidades para afirmar que hoje existe uma integração maior deles com os trabalhadores que vivem na cidade de Xapuri (e os varadouros transformados em ramais trafegáveis no verão possuem relação com isso). Entretanto, as experiências narradas também sugerem que se mantêm uma forte identificação de suas existências com o seringal e com as “colocações”, enquanto sujeitos sociais.

Os entrevistados, principalmente os maiores de 30 anos, veem a cidade como local “barulhento”, sem “oportunidades de trabalho”, “sufocante”, “quente”, “sem espaço”, local onde “se sentem presos”. Ou seja, avistam a cidade dissociada do mundo em que foram criados, das suas formas de vida, e do modo como se constituíram como trabalhadores “seringueiros”. Isso pode explicar o porquê de não desejarem morar na cidade mesmo desejando coisas dela (principalmente após a chegada da TV).

Eu gosto de morar na floresta. Meu costume é morar na zona rural. Em Xapuri não moro. Sou mais na floresta. Porque me costumei na zona rural. Desde criança moro na floresta. Mas vou a Xapuri nos finais de semana. Vou fazer compras. Quando não tem um racho em casa compro o sal, o açúcar, o óleo, compro o café, compro quase tudo (fragmento do relato de Jorge Monteiro da Silva, morador da Resex Chico mendes).

Entretanto, com relação aos mais moços a situação é bastante diferente. Entre os jovens o desejo de morar na cidade foi uma evidência que se repetiu. O “seringueiro” João Batista, que é pai de oito filhos, destacou de forma clara em seu relato como seus filhos sonham em morar fora da floresta. Apontou também pistas de outra variável que, junto com os estímulos da televisão, pode está contribuindo com a potencialização desse desejo: a maior oferta de educação. A voz de João é de orgulho ao ver todos os seus filhos estudando, “tudinho, tudinho, tudinho”. Por ele, até gostaria que ficassem na floresta, mas tem clareza que teriam poucas alternativas “na mata”, por isso mesmo aceita que procurem “seus rumos”. Da mesma forma que João, vários relataram a saída (ou o desejo de sair) dos mais jovens.

O contato dos filhos dos seringueiros com a internet (mesmo que eventualmente, nas idas até Xapuri) e com o celular, os estímulos da televisão e, ainda, as maiores possibilidades de estudar que antes não existiam são fatores que estão abrindo novas perspectivas e novos sonhos. Principalmente em tempos onde muitos percebem que a sobrevivência no interior das “colocações” praticando o extrativismo tradicional é cada dia mais difícil. Percebem também que mesmo praticando outras

atividades como o tão incentivado manejo “sustentado” de madeira, não conseguem retornos financeiros suficientes para consumirem o que agora desejam.

Os mais velhos (acima dos 30 anos) afirmam querer continuar na floresta, pois estão acostumados e gostam de viver no mato. Também porque percebem que não teriam muitas alternativas de sobrevivência na cidade com dignidade (por terem estudado pouco), como bem ilustra a fala do seringueiro Jorge Monteiro da Silva (ver a seguir).

Já os mais jovens querem sair (estão saindo). Então, se se considerar que os mais velhos morrerão em um prazo não muito longo estar-se-ia diante de um problema sério para os territórios de reserva e assentamento extrativistas na região. Ou seja, a floresta poderá ser esvaziada de pessoas (ficando à disposição para exploração de suas riquezas no futuro).

Eu não vou ensinar a minha função para os meus filhos. Eles estão estudando. Um está estudando em Rio Branco, ele está estudando para ser padre. Ele não quis pegar a minha função. Ele já quis procurar outro ritmo de vida. Ele pediu minha permissão e eu dei. Foi procurar outro meio de vida. Essa outra aqui, que está dentro de casa comigo, estudou e pegou esse cargo de gerente do Posto de Recebimento (da NATEX). Então, só ficou eu mesmo na seringa. Na luta de sempre. E imagino que vou findar minha vida desse jeito. É o meio que achei, pois tenho costume desse serviço pesado. E para sair do que é meu para ir lá no Xapuri trabalhar no pesado do jeito que trabalho aqui, pois eu não tenho saber, prefiro trabalhar aqui no que é meu. Eu sei que aqui é Reserva Extrativista e que ninguém é dono, todo muito sabe que não é da gente, mas temos a posse. Então, eu prefiro trabalhar aqui no que eu já construí. Já derramei muito suor aqui. Então imagino ficar aqui no meu canto, cuidando da floresta. Protegendo. Não deixando fazer derrubada da madeira (fragmento do relato de Jorge Monteiro da Silva, da Resex Chico Mendes).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto, a cada dia, os mais jovens estão indo embora. Estão saindo da floresta embebecidos com “desejos de cidade” e sonhando com prováveis oportunidades que poderiam ter fora da mata, e a chegada da televisão parece influência nisso. Os mais velhos (acima dos 30 anos), por estarem acostumados e saberem que não teriam muitas perspectivas nas cidades, ainda estão desejando ficar (e estão ficando). Entretanto, logo não estarão mais lá (na floresta), pois irão morrer em um prazo não muito longo. Sendo assim, os sujeitos “seringueiros” poderão desaparecer enquanto categoria social

deixando o território limpo para uma provável exploração dos recursos naturais, num futuro não muito distante. Esse é um risco que mereceria, no mínimo, ser considerado.

Portanto, os “seringueiros” de Xapuri/AC, sujeitos que resistiram bravamente nas matas após os “ciclos” e “crises” da borracha, como também sobreviveram ao movimento de expropriação provocado pela expansão da fronteira agrícola promovida pelos militares, nos anos de 1970/80 (MARTINS, 1975), em termos de uma perspectiva modernizante, no tempo presente, parecem caminhar para a extinção enquanto categoria social.

E por mais incrível que possa parecer, esse “movimento invisível” que os empurra para fora da floresta é em grande medida promovido através de iniciativas modernizadoras desenvolvidas por um governo que chegou ao poder apoiado por eles e se anunciando como seguidor das ideias do revolucionário Chico Mendes. Um Governo que se diz seguidor do legado do comunista Chico Mendes, mas, paradoxalmente, é financiado por instituições multilaterais protagonistas de um modelo de sociedade que prima por uma lógica de expansão incessante do processo de acumulação do capital.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Gerson R. **Trabalhadores do Muru, o rio das cigarras**. EDUFAC: Rio Branco, 2005.

BOM MEIHY, Jose Carlos Sebe. **Manual de História Oral**. São Paulo. Edições Loyola, São Paulo, 1996.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe & HOLANDA F. **História Oral: Como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

CASTRO BARBOSA, Xenia. **Experiências de Moradia: história oral de vida familiar**. Dissertação (Mestrado em História Social). São Paulo: USP, 2009.

GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens**. Brasiliana. São Paulo, 1976.

LOWY, Michael. **A Escola de Frankfurt e a modernidade: Benjamin e Habermas**. Novos Estudos CEBRAP N°. 32, Março de 1992.

MARTINS, José de Souza, **Capitalismo e Tradicionalismo: estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil**. São Paulo. Pioneira, 1975.



# TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

SANTOS, Nilson. **Seringueiros da Amazônia: sobreviventes da fartura**. Tese (Doutorado em História Social). São Paulo. USP, 2002.

TUCKER, C. **Sociedade excitada**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.